

telava as mazelas do governo com enorme sucesso. Mas, evidentemente, o *Correio da Manhã* se destacava na crítica tenaz a tais mazelas. As forças dominantes na política não tinham contemplações: “A imprensa anoiteceu na censura, jornalistas da primeira linha de combate — Edmundo Bittencourt, do *Correio da Manhã*, Macedo Soares, do *Imparcial*, Vicente Piragibe, da *Época*, e Leônidas Rezende — foram encarcerados; numerosos outros cidadãos civis e militares também foram presos e muitos tiveram de fugir para locais não atingidos pelo sítio”⁽²⁵⁴⁾. Terminado o sítio, a *Careta*, em editorial, lembraria que mal haviam saído da prisão o seu diretor, o seu secretário e o seu redator principal.

Quando Hermes deixou o poder, a reação não se fez esperar; Irineu Marinho, em 1915, publicava, em folhetins de *A Noite*, o romance satírico de Lima Barreto, *Numa e a Ninfa*: na primeira página da edição de 12 de março, Seth apresentava a galeria de personagens, a “chave” do romance que fora publicado, sob a forma de conto, no *Correio da Tarde*, do Rio, de 3 de junho de 1911. Os folhetins de *A Noite* apareceram entre 15 de março e 26 de julho de 1915; em livro, *Numa e a Ninfa* só foi lançado em 1917, dedicado a Irineu Marinho. A reação popular foi tão violenta, após a saída de Hermes, que se tornou incontornável: “As desordens de rua, de que chegaram a resultar mortes, o assalto ao *O País* de João Laje, as vaías públicas aos homens mais representativos da situação passada — manifestações de que nem o próprio Pinheiro Machado escapou — tudo indicava que seria verdadeiro suicídio, para o governo principiante, solidarizar-se com a política do que se extinguiu”⁽²⁵⁵⁾.

A linguagem da imprensa política era violentíssima. Dentro de sua orientação tipicamente pequeno burguesa, os jornais refletiam a consciência dessa camada para a qual, no fim de contas, o regime era bom, os homens do poder é que eram maus; com outros homens, o regime funcionaria às mil maravilhas, todos os problemas seriam resolvidos. Assim, todas as questões assumiam aspectos pessoais e era preciso atingir as pessoas para chegar aos fins moralizantes. Em discurso no Senado, Epitácio Pessoa buscava examinar o problema, vendo-o embora em superfície: “É preciso que se tenha a coragem de dizê-lo — também a imprensa, desviada de seus nobres intuitos, afastada da sua missão civilizadora, convertida em vazadouro

(254) Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., pág. 735, II. O sítio era arma usual para amordaçar a imprensa — muito mais do que destinada a permitir ao Executivo a liberdade de ação que a Constituição permitia, em fases assim de exceção. Na imprensa, ao tempo, estava uma das mais poderosas armas de oposição; ela exercia papel de grande relevo, expressando o descontentamento da classe média.

(255) Afonso Arinos de Melo Franco: op. cit., pág. 807, II.